



**A ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA
TOMISTA COMO 'DIAGNÓSTICO' DE POSSÍVEIS CONFLITOS
HERMENÊUTICOS***

Paulo Faitanin – Universidade Federal Fluminense.

Resumo: A análise estatística pode ajudar nos estudos sobre a História do Tomismo. A análise dos dados da produção bibliográfica tomista do último século informa, por exemplo, que se estudou a filosofia mais do que a teologia. Um dado incontestável: o Tomismo do século XX foi o da filosofia. O que mais nos revelam estes dados? Quais as possíveis causas das publicações filosóficas? Por que o interesse por certas áreas da filosofia? Por que certas áreas e temas apresentam maior conflito hermenêutico entre alguns tomistas? O fundamento do conflito seria uma possível 'ambigüidade' do Aquinate? Se não, qual é o fundamento do conflito? Nossa intenção neste artigo é apresentar alguns dados estatísticos e análises históricas vinculadas ao desenvolvimento bibliográfico tomista ao longo do último século.

Palavras-chave: Tomás de Aquino, Tomismo, Bibliografia Tomista, Estatística.

Abstract: The statistic analysis can help in the study of Thomism History. The analysis of the data of the last century Thomism bibliographic production informs, for example, that philosophy was more studied than theology. An unquestionable datum: the 20th Century Thomism was the philosophy one. What else do these data reveal us? What were the possible causes of the philosophical productions? Why was there a specific interest in certain areas of philosophy? Why do certain areas and themes present greater hermeneutic conflict among some researchers? Would the reason of the conflict be a certain ambiguity of the Aquinas? If not, what is the basic reason of the conflict? Our intention in this article is to present some statistic data and historical analyses related to the Thomist bibliographical development along the last century.

Keywords: Thomas Aquinas, Thomism, Thomistic Bibliography, Estatic.

INTRODUÇÃO

Uma breve análise estatística dos dados da produção bibliográfica tomista do último século revela-nos que se publicou mais sobre a filosofia do que acerca da teologia. Apesar desta constatação, algo de novo se espera para o primeiro século deste novo milênio. Os últimos decênios do século passado e

* Dedico este estudo ao Prof. Dr. Enrique Alarcón da Universidad de Navarra, editor do *Corpus Thomisticum* e ao Prof. Dr. David Berger, editor do *Doctor Angelicus*, pelo empenho para a divulgação da obra e do pensamento do Aquinate.

os primeiros anos deste apontam-nos uma significativa mudança. A produção bibliográfica sobre a filosofia tomista continuará predominando. Paralelo a isso ocorrerá um significativo incremento da produção bibliográfica sobre a teologia. Outra área da produção bibliográfica que, ao que tudo indica, terá um significativo aumento será o dos estudos históricos do tomismo concentrados em, pelo menos, três grandes linhas: *biográfica*, *bibliográfica* e *lexicográfica*¹. Em todo caso, a novidade ficará por conta do crescente interesse pelos estudos teológicos. É muito cedo ainda para dizer com certeza² se a causa deste incremento foi a edição da Encíclica *Fides et Ratio*, do Papa João Paulo II, aos 14 de setembro de 1998. Tudo indica que foi, especialmente, pelo fato de que a convocação que se fez não incluía somente o interesse dos filósofos, mas também dos teólogos: *convite à filosofia e à teologia para a promoção na busca da verdade através do 'concílio da razão com a fé', no modelo de São Tomás de Aquino*³. Creio particularmente que a ascensão das pesquisas teológicas tomará lugar em pesquisas *históricas e sistematizadas*.

Minha intenção é apresentar uma análise estatística dos dados da produção bibliográfica tomista do último século. Em minha opinião, tal análise é, efetivamente, um importante instrumento de *diagnóstico*. Pela análise destes dados podemos identificar e relatar possíveis avanços ou mesmo sintomas de *conflitos hermenêuticos* entre os tomistas. Uma apurada leitura destes dados, em sua relação com o momento histórico em que foram produzidos, também nos fornece elementos que favorecem a formulação de hipóteses, como a de um possível enriquecimento ou empobrecimento da produção bibliográfica. A apurada análise dos dados confirma, como que por raios-X da realidade de um período, a razão porque se estudou mais um tema do que outro. Os últimos decênios do século XIX e os dois primeiros decênios do século XX a produção bibliográfica tomista centrou-se nos estudos filosóficos. Sabe-se, mediante estes dados, que em filosofia a área mais

¹ Sobre os dados biográficos e lexicográficos ver: ALARCÓN, E. "Avanços em nosso conhecimento histórico sobre Tomás de Aquino", *Aquinate*, n.º.4, (2007), 1-23; IDEM, *Thomistica 2006: A International Yearbook of Thomistic Bibliography*. Bonn: Verlag Nova et Vetera, 2007; BUSA, R. *Index Thomisticus: S. Thomae Aquinatis Opera Omnia ut sunt in Indice Thomistico, curante R. Busa*. 70 ts. Stuttgart, Bad Cannstatt, 1980; BERGER, D. und VIJGEN, J. *Thomistenlexikon*. Bonn: Verlag Nova et Vetera, 2006.

² Parece oportuna a advertência que, em seu momento, fez Weisheipl ao dizer "que um tema não pode ser realmente estudado objetivamente até que tenha decorrido pelo menos 100 anos". O mesmo pode ser dito com relação à repercussão da *Fides et Ratio*. WEISHEIPL, J.A. "Commentary", in: *One Hundred Years of Thomism Aeterni Patris and Afterwards*. A Symposium. Edited by Victor B. Brez. Houston: Center for Thomistic Studies, 1981, pp. 24-25.

³ PAPA JOÃO PAULO II, *Fides et Ratio*, c. IV, n.º 43.

estudada neste período foi a da gnosiologia ou a da teoria do conhecimento tomista. Qual a razão disso? Isso se deveu, como se verá, a uma interpretação equivocada do apelo que Leão XIII fizera na *Aeterni Patris*. O texto não evoca para que se estude somente a teoria do conhecimento tomista. A convocação é para que se estude a filosofia como um todo.

Por que se destacou a gnosiologia? Os dados refletem que o momento histórico que se vivia (debates gnosiológicos), de grande repercussão, entre racionalistas e materialistas. Muito provavelmente, por esta razão, tratou-se de apresentar a teoria do conhecimento do Aquinate, à vezes, como contraponto e, outras, como, em acordo ou mesmo conciliada em alguns aspectos com as modernas. Mas, em absoluto, em pleno acordo. Não faltaram propostas que conciliassem entre as diversas teorias, o que gerou muitas reações entre os tomistas e os não-tomistas. Isso explica o porquê na produção bibliográfica tomista do início do século passado tenha predominado as produções bibliográficas sobre a filosofia que se orientavam especialmente para as questões gnosiológicas. Em outros períodos predominariam outros temas. No entanto, seriam os temas metafísicos que povoariam as produções bibliográficas por quase todo o século, em suas diferentes relações: relações com a teologia natural, com os temas da ética e da moral, com as questões antropológicas etc. O pano de fundo de todas as discussões foi inevitavelmente a metafísica.

Esta análise nos ajuda a identificar possíveis sintomas desta evolução bibliográfica como, por exemplo, o incremento da produção de bibliografia filosófica em detrimento da teológica. Os dados também nos revelam como se deu o 'conflito hermenêutico' entre os tomistas dos primeiros decênios do século, com relação à interpretação dos temas da gnosiologia tomista. Mostramos igualmente como a produção bibliográfica, a partir dos anos de 1930 até fins dos de 1950, perfilou-se em temas metafísicos, seja sobre a questão do *ser* ou acerca da *teologia natural* no que se refere às provas da existência de Deus. A análise estatística bibliográfica das obras produzidas pelos tomistas serve para relatar o perfil da pesquisa do pensamento do autor em determinada época e contribuir com valorosa informação para a ulterior pesquisa do Tomismo. O método de analisar dados bibliográficos por período serve para diagnosticar basicamente tudo o que nos referíamos acima. Contudo, há limitações que somente seriam superadas com um levantamento de dados mais apurado. Nossa pesquisa é apenas um ensaio. Para uma investigação mais apurada e detalhada seria necessário, por exemplo, apurar e selecionar, em cada repertório bibliográfico, o dado, evitando a repetição da informação de algum que, por ventura, pôde encontrar-se em mais de um repertório. Há, por exemplo, casos de reedições, traduções que alocam uma mesma obra em

diversos períodos. Temos consciência de que não foi possível fazer esta triagem. Isso seria o ideal. Somente quis apresentar uma análise estatística, sistemática e histórica dos dados absolutos, por períodos. Talvez, numa outra ocasião, tendo em mãos dados mais detalhados, possa-se apresentar uma melhor análise relativa não só por período, senão por ano e tema.

É pertinente considerar, primeiramente, as questões que colocaram de relevo a importância desta análise bibliográfica. Em primeiro lugar convém saber se *Tomás foi filósofo*, já que esta análise nos informa estatisticamente que a produção bibliográfica tomista do século passado revelou Tomás de Aquino como um filósofo. Em segundo lugar convém analisar alguns fatos que contribuíram para o significativo incremento do estudo da filosofia tomista no último século, destacando suas possíveis razões. E, por fim, apresentar, ainda que de maneira muito limitada, alguns dados que a análise estatística da produção bibliográfica tomista nos revela a partir do que nos fornece os repertórios bibliográficos tomistas do último século. Tentarei fundamentar historicamente a leitura destes dados com os principais acontecimentos do século que puderam de maneira ou de outra, influenciar a produção bibliográfica tomista.

1. *Tomás Filósofo?*

No século XIII, o Ocidente Europeu foi o palco de uma Revolução Filosófica Medieval. A aquisição de novas fontes filosóficas exerceu forte influência sobre a vida intelectual. Do Oriente, as recém-chegadas filosofias árabes e judaicas, juntavam-se à tradição filosófica platônica e à *vetus logica* aristotélica, no Ocidente. Ampliou-se o legado aristotélico com a *nova logica* e as suas obras cosmológicas, política, ética e metafísica. Neste ambiente, a Escolástica estava munida de um leque incrível de fontes filosóficas. Logo, o estudo da filosofia aristotélica tomava lugar de destaque nas universidades medievais, com novas versões e traduções para o latim dos inéditos textos gregos. Na Universidade de Nápoles, por exemplo, estudavam-se até seis anos de filosofia aristotélica, a ponto de ele vir a ser chamado 'o filósofo', hábito que herdou o próprio Tomás de Aquino [1225-1274] ao referir-se, em seus escritos, a Aristóteles. A famosa abertura do Livro I da Metafísica de Aristóteles: *Todos os homens têm o desejo natural de conhecer* [Met. I, 980a 1-2] havia posto em evidência os estudos filosóficos. Neste contexto cresceu e desenvolveu-se o pensamento de Tomás de Aquino.

Em virtude da excelência de sua teologia, há que se afirmar a importância de sua filosofia. Neste sentido, o Aquinate foi verdadeiramente um grande filósofo, embora não desejasse ser senão teólogo, pois sabia que a razão não

contrariaria a fé, se ela fosse retamente utilizada e fundamentada no princípios evidentes para, com os raciocínios válidos, pôr a própria razão a serviço da fé. A autonomia da filosofia não o conduziu a apoiar-se, sem mais, na autoridade dos filósofos, embora não descuidasse de considerar os mestres e as suas principais doutrinas. Por isso, sustentou que o argumento de autoridade fundado sobre a razão humana é, de todos, o mais fraco [*STh*I, q.1, a. 8, c]. A sua autoridade é a teológica, baseada na autoridade divina e não na humana. O Aquinate efetivamente marcou a filosofia, mas não quis inovar em seus estudos filosóficos e sequer quis instituir um novo sistema filosófico, criar uma filosofia sua, mas uma da verdade das coisas, do ser das coisas. De fato, embora não o tenha querido, revolucionou a investigação filosófica. Neste sentido, o papel e a finalidade da filosofia não é saber o que os homens pensaram, mas qual é a verdade das coisas [*In I De celo*, lec.22]. Disse o melhor que pôde e soube, o que as coisas são na realidade; se já alguém o tinha dito antes dele, não era motivo para não o repetir; se ninguém o tinha dito ainda, não era motivo para ele não o dizer, pois não procurava fazer obra pessoal, mas pesquisa objetiva e alicerçada no real.

Há de esclarecer que para todo o medievo, não há distinção entre filosofia e ciência; antes, ao contrário, a filosofia é a fonte de todo saber e é a ciência racional por excelência. Por esta razão, o estudo da filosofia é em si mesmo lícito e louvável, por causa da verdade que os filósofos buscam e acabam por descobri-la em Deus [*STh* II-II, q.167, a.1, ad.3]. Acerca da verdade que se alcançou no passado, a partir dos esforços de muitos filósofos, afirmou o Aquinate ser a filosofia perene já que a contribuição dum só homem, pelo seu trabalho e pelo seu gênio para o progresso da verdade é pouco comparada com o conjunto da ciência; no entanto, de todos esses elementos coordenados, escolhidos e reunidos, alguma coisa de grande se fez [*In II Met.* lec.1]. Por isso, para Tomás, é importantíssimo voltar às opiniões dos antigos, sejam as de quem for, pois isso é-nos duplamente útil, seja para guardarmos para o nosso uso o que disseram de bom, seja para nos defendermos do que disseram de mal [*In I De anima*, lec.2, n.15]. De fato, a verdade que a razão perscruta lhe é natural e a sua investigação convém à filosofia. Mesmo pela razão podem-se alcançar as verdades referentes às realidades divinas inteligíveis, possíveis de serem investigadas pela razão humana [*CG.* I, c.4].

A Metafísica é por excelência o epicentro da investigação racional, pois sendo filosofia primeira, investiga as primeiras causas das coisas [*In I Met.* próêmio]. Sem dúvida, a filosofia é a ciência do ser em si mesmo e das primeiras causas [*In IV Met.* lec. 1] à luz da razão natural [*STh* I, q.1, a.1, c.]. O que é Metafísica? Segundo o Aquinate é tríplice a denominação da

metafísica: Metafísica enquanto é ciência do ente; ciência divina e filosofia primeira, enquanto investiga as primeiras causas [*In Met.* I, lec. 2, 58-62; II, lec. 2, 291; VI, lec. 1, 1166-1170; XI, lec. 7, 2263-2267]. Em síntese a metafísica é a ciência do ente enquanto ente, dos seus princípios e causas. O objeto da Metafísica: o ente é o objeto próprio da metafísica, porque é o que primeiro considera o intelecto, quando conhece a realidade; por isso, o ente é o sujeito da Metafísica [*In IV Met.* lec.1, n.529-531]. Para o Aquinate a Metafísica geral estuda o ente comum, enquanto a especial estuda o ente primeiro, as coisas divinas, o que se ocupa a última parte da Metafísica [*In I Met.* lec.2, 52-68; *CG.* I, c.4; *STh*I-II, q. 66, a.5, ad.4].

Segundo o Aquinate é maximamente pertencente à Metafísica e, por conseguinte, mais nobre e digno, o que se ocupa dos estudos do que é imaterial em si mesmo ou o que é abstraído da matéria. Pertence ao estudo metafísico, portanto, o estudo dos conceitos que se originam por abstração das realidades sensíveis como, também, o estudo que trata da existência de realidades suprasensíveis, como a das substâncias separadas, que embora não possuam matéria sejam também entes e objeto de estudo da Metafísica [*In VI Met.* lec.1, n.1162-1165]. O Aquinate estabelece duplo método: um ascendente, denominado resolutivo *-resolutio-*, que parte das determinações particulares às resoluções universais, que não é outra coisa que a indução; e outro descendente, denominado compositivo *-compositio-*, que inversamente parte das resoluções universais às composições particulares, que não é senão a dedução [*In de Trin.* lec. 2, q.2, a.1, c.3].

Notadamente, a filosofia de Tomás de Aquino é cristã, no sentido de que, embora o filósofo considere as criaturas diferentemente do teólogo, a sabedoria divina parte, algumas vezes, dos princípios da sabedoria humana: Aliás, entre os filósofos, a filosofia primeira usa de todas as ciências para demonstrar as suas teses. Daí também explicar-se porque as suas doutrinas não procedem segundo a mesma ordenação. Com efeito, no ensino da filosofia, que considera as criaturas em si mesmas, e partindo delas vai ao conhecimento de Deus, consideram-se primeiramente as criaturas e, após, Deus. Mas na doutrina da fé, que não considera as criaturas, senão enquanto ordenadas para Deus, primeiramente considera-se Deus e, após, as criaturas. E assim ela é mais perfeita, justamente por ser semelhante ao conhecimento de Deus que, ao se conhecer, vê as outras coisas em si mesmo [*CG.*II, c.4].

Configura-se cristã a filosofia porque serve de instrumento e se põe a serviço da teologia. Sem sombras de dúvidas, é a Metafísica o instrumento básico no uso da filosofia para as investigações teológicas. Contudo, o Angélico dá, também, importância à dialética, ou seja, à Filosofia Racional ou Lógica, enquanto arte da argumentação no estudo da doutrina sagrada: As

outras ciências não argumentam em vista de demonstrar seus princípios, mas para demonstrar a partir deles outras verdades de seu campo. Assim também a doutrina sagrada não se vale da argumentação para provar seus próprios princípios, as verdades de fé, mas parte deles para manifestar alguma outra verdade, como o Apóstolo, na Primeira Carta aos Coríntios, se apóia na ressurreição para provar a ressurreição geral [*STh* I, q.1, a.8, c.].

E amplia confirmando que a verdade revelada não se opõe à verdade que alcança a razão: a doutrina sagrada utiliza também a razão humana, não para provar a fé, o que lhe tiraria o mérito, mas para iluminar alguns outros pontos que esta doutrina ensina. Como a graça não suprime a natureza, mas a aperfeiçoa, convém que a razão natural sirva à fé [*STh* I, q.1, a.8, c.]. Por isso, Já no século XIII, convicto de que a verdade revelada, o artigo de fé dado por Deus ao homem, não poderia contrariar a natureza da própria razão que a aceita e nela crê, sem deixar de buscar entendê-la, o Aquinate procurou conciliar fé e razão, valendo-se, muitas vezes, dos ensinamentos de Santo Agostinho e Aristóteles, para afirmar que a graça e a fé não suprimem a natureza racional do homem, senão antes a supõe e a aperfeiçoa e, a partir disso, também sustentar que é possível a conciliação de filosofia [*ratio*] e teologia [*fides*], na medida em que *philosophia ancilla theologiae est*: a filosofia é a serva da teologia.

É, pois, evidente que para o Aquinate Cristo é a *verdade* oferecida como alimento⁴ no sacramento da caridade⁵. Tomás muito amou a Cristo e, justamente por isso, muito amou, também, a verdade, mesmo que sua busca supusesse vivenciar constantemente a presença de Cristo na oração, nas lágrimas e na eucaristia⁶. Ele foi de Cristo, por isso foi cristão. Em sendo cristão, não havia como não buscar intensamente a verdade em sua fonte. Tendo sido cristão antes de tornar-se metafísico⁷, não abandonou a metafísica ao tornar-se teólogo cristão⁸. Há coerência nisso, pois se amar a Cristo é amar a fonte da verdade, em qualquer lugar onde se encontre a verdade, aí será

⁴ PAPA BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis*, n° 2.

⁵ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* III, q. 73, a.3.

⁶ Eram constantes na vida do Aquinate lágrimas e incessantes orações, duas assistências na celebração da eucaristia, uma celebrando e outra ouvindo: TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua pessoa e obra*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 60, 331.

⁷ COPLESTON, F. *Thomas Aquinas*. London: Harper & Row Publishers, 1976, p. 111.

⁸ SCHÖNBERGER, R. *Thomas von Aquin zur Einführung* Hamburg: Junius Verlag, 2006, pp. 10-14. A Teologia Natural encontra seu lugar na metafísica. Se a metafísica é um valioso instrumento para a Teologia, é admissível também uma estreita fronteira entre a metafísica e a mística: MARITAIN, J. *Distinguer pour unir ou les degrés du savoir*. Paris: Desclée de Brouwer, 1932, pp. 549-555.

encontrado Cristo. Não diferente seria na filosofia que, por excelência, serve de instrumento para a teologia: *philosophia ancilla theologiae*. Neste espírito empenhou-se veementemente ao estudo da teologia e da filosofia, embora sempre subordinasse à teologia os seus estudos filosóficos. Não deixando de procurar a verdade na filosofia, encontrou-a, mas não em oposição à da teologia. Que ele foi um teólogo, ninguém duvida⁹, mas foi também filósofo, um dos mais brilhantes. Podemos dizer que foi os dois, indistintamente, no mais pleno sentido da palavra¹⁰. Um verdadeiro *scholar*¹¹. Nesta condição, professou a verdade da fé conciliada plenamente com a da filosofia, o que confirma a sua filosofia cristã¹². Se em séculos anteriores nos foi dado a conhecer-lhe por sua teologia, especialmente nas disputas escolásticas renascentistas, por exemplo, entre dominicanos e jesuítas, relatavas à questão da natureza e da graça, surpreende-nos o último século, cuja quantidade de estudos sobre a sua filosofia superou à dos sobre a sua teologia¹³.

2. A encíclica *Aeterni Patris*, o Concílio Vaticano II e o VII Centenário da morte de Tomás

Durante este período seu perfil teológico foi praticamente modelado desde um ponto de vista filosófico. Por quê? Poder-se-ia conjecturar muitas respostas, mas me detenho em duas tentativas que parcialmente justificam um maior retorno à filosofia do que à teologia tomista. A primeira foi a publicação da Encíclica *Aeterni Patris*, do Papa Leão XIII sobre a filosofia tomista¹⁴ onde se recomendava a restauração do tomismo nas escolas católicas¹⁵. A segunda

⁹ CHENU, M.-D. *St. Thomas d'Aquin et la théologie*. Paris: Seuil, 2005, p. 32.

¹⁰ DAVIES, B. *The Thought of Thomas Aquinas*. Oxford: Clarendon Paperbacks, 1993, pp. 10-14.

¹¹ GRABMANN, M. *Thomas Aquinas: His Personality and Thought*. New York: Longmans, 1928, p. 28.

¹² GILSON, E. *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*. Paris: Vrin, 1989, p. 5.

¹³ Isso se confirma se folharmos alguns repertórios bibliográficos: MANDONNET, P. *Bibliographie Thomiste*. Paris: Vrin, 1960, que abarca a produção de 1880-1920. estudos teológicos, 62-78; BOURKE, V.J. *Thomistic Bibliography*. 1920-1940. St. Louis, Missouri: The Modern Schoolman, 1945, 175-246; MIETHE, T.L. *Thomistic Bibliography*, 1940-1978. Westport: Greenwood Press, 1980, 186-233; INGARDIA, R. *Thomas Aquinas. International Bibliography*. 1977-1990. Ohio: The Philosophy Documentation Center, 1990.

¹⁴ PAPA LEÃO XIII, *Aeterni Patris*. IV, n° 29-32; Conclusão, n° 33-35.

¹⁵ BOYLE, L.E. "A Remembrance of Pope Leo XIII: The Encyclical *Aeterni Patris*", em: *One Hundred Years of Thomism 'Aeterni Patris' and Afterwards*. A Symposium. Ed. By Victor B. Brezik, C.S.B. Houston: The Center For Thomistic Studies, 1981, pp. 7-22.

foi a realização do *Concílio Vaticano II*¹⁶ cuja proposta de ‘abrir’ a Igreja à modernidade foi mal interpretada por algumas correntes que se equivocaram ao supor que o concílio exortava abandonar o tomismo¹⁷. A Encíclica *Aeterni Patris* publicada em Roma aos 4 de agosto de 1879 favoreceu, sem dúvida, para uma renovação de publicações tomistas¹⁸. Antes de sua publicação já era notável a ascensão de edição de estudos sobre o tomismo, porque, como muito bem argüia Kleutgen¹⁹, a pós-filosofia cartesiana, por exemplo, na Alemanha, tornara incapaz a defesa da teologia católica, com relação ao temas de fé e razão e natureza e graça²⁰. Muito naturalmente a razão, em seu uso reto e na perspectiva de servir à teologia, desencantara-se com o rumo que se poderia tomar a teologia em que a subjetividade da razão pudesse suplantar o dado revelado de fé²¹.

Note-se que o retorno ao tomismo nasce de uma necessidade teológica. Contudo, não se poderia servir à teologia com a razão filosófica, se antes não fizesse renascer uma filosofia que pudesse dar conta de auxiliar a teologia na defesa do que lhe é próprio. Por isso, se o apelo era teológico por causa de uma filosofia racional subjacente e opositora às próprias verdades de fé, mais imediatamente tratou-se de restaurar uma filosofia subjacente conciliadora e, dentre os modelos, nenhuma foi mais conciliadora do que a do Aquinate ao longo da tradição filosófica. Como estratégia para o retorno e

¹⁶ A seguinte obra apresenta um panorama geral da relação entre a cultura e a tradição tomista após o Concílio Vaticano II: SPIAZZI, R. *San Tommaso dopo il Concilio*. Roma: Città Nuova Editrice, 1966, pp. 247-288; RAMÍREZ, S. *Introducción a Tomás de Aquino*. Madrid: Bac, 1975, pp. 271-284; ROWLAND, T. *Culture and the Thomist Tradition: After Vatican II*. New York: Routledge, 2003, ver esp. Part I: “The Conciliar openness to modernity”, pp. 14-17 e Part II, pp. 65-69.

¹⁷ MCINERNEY, R.M. *Thomism in an Age of Renewal*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1968, p. 24. D. Berger destaca o contraste entre a reconhecida autoridade de São Tomás e o colapso do tomismo: BERGER, D. *Thomas Aquinas & the Liturgy*. Trasl. Christopher Gross. 2nd edition. Florida: Sapientia Press of Ave Maria University, 2005, p. 7. F. O’Meara afirma que foi um desastre o efeito do Concílio Vaticano II sobre a teologia tomista: O’MEARA, F. *Thomas Aquinas Theologian*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1997, p. 198.

¹⁸ MANDONNET, P. *Bibliographie Thomiste*. Paris: Vrin, 1960, p. viii.

¹⁹ KLEUTGEN, J. *Philosophie der Vorzeit*. Münster, 1863. Talvez tenha sido um dos poucos teólogos jesuítas que não se opôs à restauração da filosofia cristã a partir da filosofia tomista. É conhecida a oposição dos teólogos jesuítas da Gregoriana ao projeto de tal restauração.

²⁰ MCCOOL, G.A. *From Unity to Pluralism. The Internal Evolution of Thomism*. New York: Furdham University Press, 2002, p. 13.

²¹ Sobre o tema do desencanto da razão pós-moderna dediquei algumas análises em: FAITANIN, P. “A querela ‘dialéticos versus antidialéticos’: atualidade, origem, controvérsias, contribuição e influência de Tomás de Aquino”, *Aquinate*, n°3 (2006), pp. 22-46.

desenvolvimento do pensamento tomista deu-se a fundação da *Pontifícia Academia Romana de São Tomás de Aquino*, pelo Papa Leão XIII, em 1879²². Com relação ao *Concílio Vaticano II*²³ cuja proposta de ‘abrir’ a Igreja à modernidade foi mal interpretada por algumas correntes que se equivocaram ao supor que o concílio exortava abandonar o tomismo. Isso foi mal entendido, pois alguns documentos conciliares exortavam justamente para que nos estudos teológicos e na formação cristã se tomasse por *guia* São Tomás²⁴. Por ignorância ou mesmo malícia destas correntes contrárias ao tomismo e mesmo de certas correntes tomistas favoráveis a uma profunda ‘renovação’ do tomismo, a ocasião tornou-se propícia para frear, parar ou mesmo abandonar a progressiva ascensão dos estudos teológicos tomistas²⁵. Foi, obviamente, inevitável o embate acadêmico entre as correntes não-tomistas e o pensamento tomista²⁶, mas nem tanto ‘normal’ o que se deu entre as escolas tomistas de orientações opostas²⁷. A crise de identidade colocou em evidência

²² LOBATO, A. “The Pontifical Academy of St. Thomas Aquinas”, in: *Thomism Today*. Ed. By E. Alarcón. Anuario Filosófico XXXIX/2. Pamplona: Universidad de Navarra, pp. 309-327.

²³ As seguintes obras apresentam um panorama geral da relação entre a cultura e a tradição tomista após o Concílio Vaticano II: RAMÍREZ, S. *Introducción a Tomás de Aquino*. Madrid: Bac, 1975, pp. 271-284; ROWLAND, T. *Culture and the Thomist Tradition: After Vatican II*. New York: Routledge, 2003, ver esp. Part I: “The Conciliar openness to modernity”, pp. 14-17 e Part II, pp. 65-69.

²⁴ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, decreto *Optatam totius*, n° 16: “para aclarar, quanto for possível, os mistérios da salvação de forma perfeita, aprendam a penetrá-los mais profundamente pela especulação, tendo por guia Santo Tomás, e a ver o nexos existente entre eles”; declaração *Gravissimum educationis*, n° 10: “procura de modo orgânico que cada disciplina seja de tal modo cultivada com princípios próprios, método próprio e liberdade da investigação científica, que se consiga uma inteligência cada vez mais profunda dela, e, consideradas cuidadosamente as questões e as investigações atuais, se veja mais profundamente como a fé e a razão conspiram para a verdade única, segundo as pisadas dos doutores da Igreja, mormente de São Tomás de Aquino”.

²⁵ O Tomismo não é algo *crystalizado*, mas pensamento vivo. Ele possui um poder de assimilação do que há de verdade nas outras tendências. Mas isso não significa que sua renovação ou restauração não suponha a manutenção do que lhe é essencial, a saber, a própria vida: PIEPER, J. *Introducción a Tomás de Aquino. Doce lecciones*. Versión de Ramón Cercos. Madrid: Rialp, 2005, pp. 164-178; GARRIGOU-LAGRANGE, R. *La Synthèse Thomiste*. Paris: Desclée de Brouwer, 1950, esp. 559-578.

²⁶ A seguinte obra apresenta uma síntese das principais doutrinas modernas, a partir de fragmentos dos textos dos principais autores, cujas doutrinas não se coadunam com os princípios do tomismo: KLOCKER, H.R. *Thomism and Modern Thought*. New York: Meredith Publishing Company, 1962.

²⁷ Cito a seguir um livro que, embora parcial no seu julgamento, narra a oposição de duas escolas de seguimentos diversos. Uma ‘renovadora’ representada por Russelot e Maréchal e outra ‘ortodoxa’ representada por Gilson e Maritain: MCCOOL, G.A. *From Unity to Pluralism. The Internal Evolution of Thomism*. New York: Furdham University Press, 2002.

a questão: *o que é ser tomista?*²⁸ Estes desencontros foram determinantes para enfumaçarem os projetos de estudos tomistas, mas também para perfilarem o caminho de retomada. Dispersada esta cortina de fumaça dos primeiros anos pós-concílio, passo a passo, os estudos tomistas foram retomados, incluindo os de sua teologia²⁹. Um marco deste re-início foi a fundação da *Società Intenazionale Tommaso d'Aquino* (S.I.T.A) em 27 de Maio de 1978³⁰. Esta caminhada foi particularmente revigorada, como já aludíamos no início, com a publicação da Encíclica *Fides et Ratio* do Papa João Paulo II, na qual o Sumo Pontífice invocava o pensamento e método de São Tomás como modelo de concílio entre fé e razão³¹. A quase uma década de sua publicação, já se vê os frutos da nova geração de tomistas que retomaram o modelo de pesquisa do Aquinate³².

3. *Dados estatísticos: o que nos revela os repertórios bibliográficos?*

Um balanço geral estatístico dos repertórios bibliográficos tomistas do século passado até o início dos anos 90 revela-nos alguns dados interessantes. Um deles é que a produção bibliográfica filosófica foi maior do que a teológica. Outro é que a vasta produção bibliográfica sobre determinado tema de filosofia, como por exemplo, sobre a noção de *actus essendi*, pode diagnosticar possível conflito hermenêutico de alguns textos filosóficos do

²⁸ BONINO, S.-TH. “Être Thomiste”, in: *Thomistes ou de l'actualité de Saint Thomas d'Aquin*. Paris: Parole et Silence, 2003, pp. 15-26; CESSARIO, R. *A Short History of Thomism*. Washington, D.C: The Catholic University of America Press, 2003, esp. pp. 11-28.

²⁹ Mesmo com esta retomada Pesch denunciava em 1988 a escassez de introduções à teologia tomista: PESCH, O.H. *Tomás de Aquino: limite y grandeza de una teología medieval*. Versión castellana de Xavier Moll y Claudio Gancho. Barcelona: Herder, 1992, p. 19.

³⁰ MARTÍNEZ, E. “‘In dulcedine societatis quaerere veritatem’: The international society of St. Thomas Aquinas”, in: *Thomism Today*. Ed. By E. Alarcón. Anuario Filosófico XXXIX/2. Pamplona: Universidad de Navarra, pp. 329-349.

³¹ PAPA JOÃO PAULO II, *Fides et Ratio*, c. IV, n° 43: “Neste longo caminho, ocupa um lugar absolutamente especial Santo Tomás... ele teve o grande mérito de colocar em primeiro lugar a harmonia que existe entre a razão e a fé... a fé é de algum modo ‘exercício do pensamento’... Precisamente por este motivo é que Santo Tomás foi sempre proposto pela Igreja como mestre de pensamento e modelo quanto ao reto modo de fazer teologia.”.

³² Cito particularmente dois grandes tomistas E. Alarcón editor do *Corpus Thomisticum* [www.corpusthomisticum.org] e D. Berger editor do *Thomistenlexikon*. Ambos nos últimos anos trabalharam incansavelmente para a divulgação do Tomismo. Ver também: ALARCÓN, E. (ed.) *Thomism Today*. In: Anuario Filosófico XXXIX/2 2006. Pamplona: Universidad de Navarra, 2006; IDEM, *Thomistica*. Bonn: Verlag Nova et Vetera, 2007; BERGER, D. *Thomismus. Grosse Leimotive der thomistischen Synthese und ihre Aktualität für die Gegenwart*. Köln: Editiones Thomisticae, 2001; BERGER, D. und VIJGEN, J. *Thomistenlexikon*. Bonn: Verlag Nova et Vetera, 2006.

Aquinate, cuja única terapia dar-se-ia pela análise lexicográfica do próprio texto.

§1. IDENTIFICAÇÃO DAS FONTES E COLEÇÃO DOS DADOS.

A primeira fonte bibliográfica do século passado que nos fornece um significativo número de referências foi elaborada pelo frade dominicano Pierre Mandonnet [1858-1936], *Bibliographie Thomiste*, com o auxílio de J. Destrez e ampliado, posteriormente, por M.-D. Chenu [1895-1990]³³. Este repertório abarca a produção literária dada entre 1847 e 1920 e apresenta 3063 entradas. Divide-se em temas, o que muito facilita a busca de bibliografia por área temática. O segundo repertório foi editado por Vernon J. Bourke, *Thomistic Bibliography*³⁴. Este compila 6667 entradas dadas entre 1920 e 1940. Segue o modelo temático por área. Embora não seja analisado estatisticamente aqui, vale destacar a introdução bibliográfica a Tomás de Aquino e ao Tomismo de Paul Wyser³⁵.

O terceiro repertório foi editado conjuntamente por Terry L. Miethe e Vernon J. Bourke, *Thomistic Bibliography*, com 4097 entradas, dadas entre 1940 e 1978³⁶. Por fim, o roteiro bibliográfico publicado por Richard Ingardia, *Thomas Aquinas International Bibliography*, que registrou entre os anos de 1977 e 1990, 4224 entradas só de obras filosóficas³⁷. Sua divisão não é temática, mas por línguas. Este modelo dificulta a pesquisa no vasto campo de produção de textos filosóficos. Além do mais, este repertório incluiu apenas as entradas filosóficas, como nos adverte o autor³⁸. Deve-se ainda advertir que alguns dados bibliográficos se repetem em um e outro repertório. Isso dificulta efetivamente a análise estatística, mas não anula os resultados que nos fornecem os dados.

³³ MANDONNET, P. *Bibliographie Thomiste*. Paris: Vrin, 1960.

³⁴ BOURKE, V.J. *Thomistic Bibliography*. St. Louis, Missouri: The Modern Schoolman, 1945.

³⁵ WYSER, P. "Thomas von Aquin", in: *Bibliographische Einführungen in das Studium der Philosophie*. 13/14. Bern: A. Francke AG. Verlag, 1950; "Der Thomismus", in: *Bibliographische Einführungen in das Studium der Philosophie*. 15/16. Bern: A. Francke AG. Verlag, 1951.

³⁶ MIETHE, T.L. *Thomistic Bibliography*, 1940-1978. Westport: Greenwood Press, 1980.

³⁷ INGARDIA, R. *Thomas Aquinas. International Bibliography*. 1977-1990. Ohio: The Philosophy Documentation Center, 1990.

³⁸ IBIDEM, p. 1.

O repertório de Mandonnet [*Mnd*] compilou 3063 entradas de 1847³⁹ a 1920, sendo 827 de bibliografia filosófica e 376 de referências teológicas. O repertório de Bourke [*Brk*] compilou 6667 entradas de 1920 a 1940, sendo 1894 filosóficas e 1500 teológicas. O registro de Miethe [*Mth*] anotou 4097 entradas de 1940 a 1978, sendo 2019 entradas filosóficas e 709 teológicas. O índice de Ingardia [*Ing*] compilou 4224 entradas, todas filosóficas, entre os anos de 1977 e 1990. Eis, pois a tabela com os dados⁴⁰:

§2. TABELA DE DADOS.

Período	Número de Títulos		Títulos por ano (média)	
	<i>Teologia</i>	<i>Filosofia</i>	<i>Teologia</i>	<i>Filosofia</i>
1847-1920	376	827	5,15	11,33
1920-1940	1.500	1.894	75,00	94,70
1940-1978	709	2.019	18,66	53,13
1977-1990	-	4.224	0,00	324,92
<i>total</i>	2.585	8.964	24,70	121,02

§3. Gráficos e resultados.

A partir destes dados propomos elaborar dois gráficos que mostram a evolução de publicações filosóficas. O primeiro gráfico mostra o número total por período da produção bibliográfica. O segundo gráfico mostra o número total por ano. Em um e outro caso, é patente que o número de produção bibliográfica sobre a filosofia é maior do que o da produção sobre teologia. Poder-se-ia apresentar um gráfico que mostrasse na filosofia o destaque para as produções bibliográficas sobre a metafísica. Não o apresentaremos aqui. Sua análise será objeto de estudo de outro artigo.

³⁹ Por que o ano de 1847? Tomamos este ano por referência ao primeiro registro bibliográfico sobre a filosofia que Mandonnet nos apresenta. Este ano não serviria de referência para o primeiro registro bibliográfico de teologia, já que Mandonnet começou sua compilação de obras teológicas a partir de dados de 1658. A ênfase deste estudo é identificar as causas, os motivos do incremento dos estudos filosóficos e não o dos teológicos, embora seja um estudo comparativo. Por isso sustentaremos como hipótese que a maioria destes estudos teológicos foi publicada antes da *Aeterni Patris*.

⁴⁰ A Tabela de dados e os gráficos foram desenvolvidos pelo Prof. Dr. Luis Antonio Brasil Kowada, do Departamento de Matemática, da Universidade Federal Fluminense. Meu agradecimento e reconhecimento da valiosa contribuição.

Gráfico 1: Estatística Bibliográfica: número de títulos total por período.

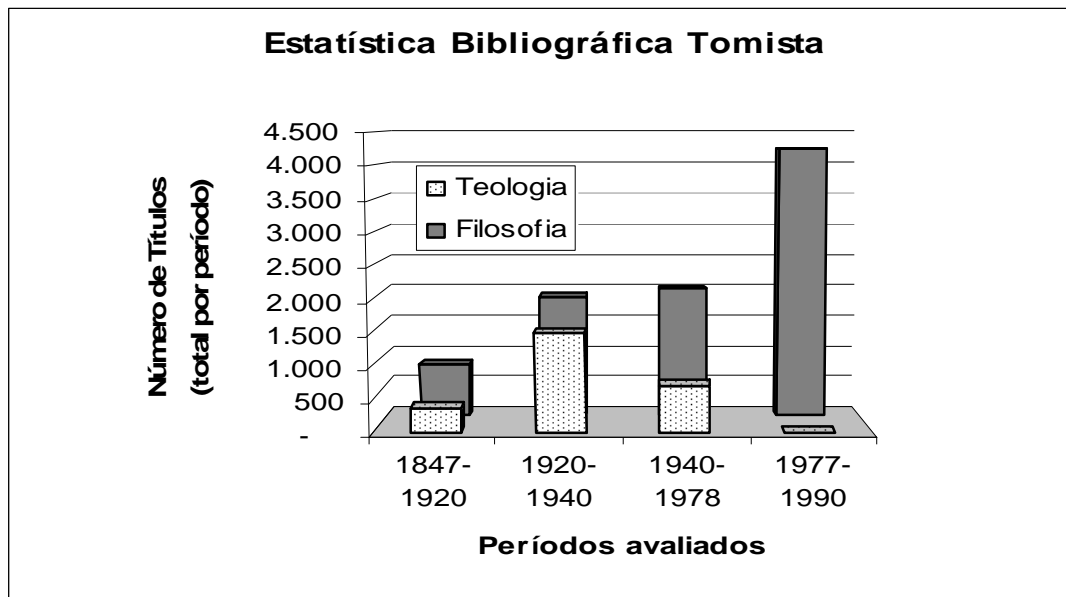
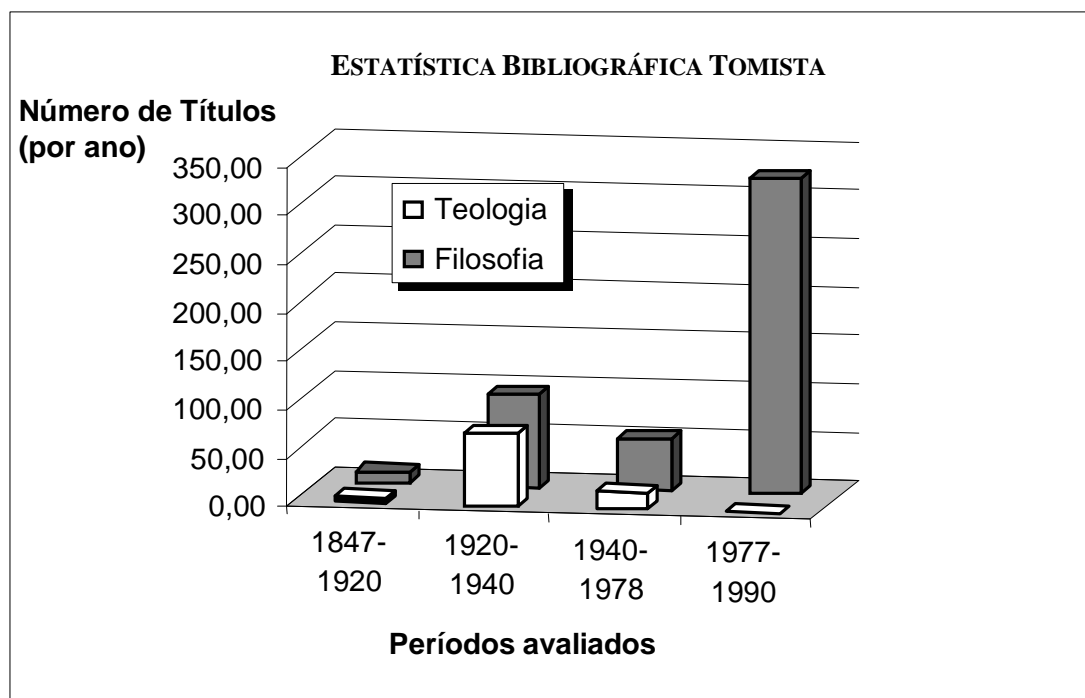


Gráfico 2: Estatística Bibliográfica: número de títulos por ano.



Por que neste primeiro período, compreendido entre 1847 e 1920, o número de publicações sobre a filosofia superou o de estudos sobre a teologia?

Neste período, exatamente em 1879, a Encíclica *Aeterni Patris* foi publicada por Leão XIII. Este documento promovia o retorno à filosofia cristã segundo o modelo de São Tomás de Aquino, o que justifica este incremento da produção bibliográfica filosófica tomista. Muito provavelmente, dos 376 títulos publicados sobre a teologia neste período, a maioria pertenceu ao momento anterior à publicação da Encíclica. Com relação aos 827 sobre a filosofia não há nenhuma dúvida que a maioria corresponde ao período posterior ao da edição da *Aeterni Patris*.

Um dado interessante é que no século XIX a maioria das produções bibliográficas filosóficas foi produzida por tomistas não religiosos. Que o número de tomista não religiosos é maior do que o de religiosos é sabido pela informação que nos oferece L. A Kennedy em sua importante obra: *A Catalogue of Thomists, 1270-1900*⁴¹. Contudo, isso nos faz questionar: *Por que o repentino aumento de tomistas não religiosos justamente num período em que a Igreja fez seu apelo a todos para retomarem os estudos da filosofia cristã?* O apelo não foi feito só aos religiosos, mas a todos, embora especialmente fosse dirigido a estes. Muito provavelmente este aumento se deu depois da publicação da Encíclica, no último quarto do século.

Tudo indica que, de imediato, não houve o interesse absoluto pela convocação ao estudo da filosofia por parte de alguns religiosos como, por exemplo, dos teólogos de alguns grandes centros teológicos⁴². *Por qual razão?* Muitas hipóteses podem ser levantadas. Atenhamo-nos às mais óbvias e factuais: primeiro por tratar-se de convite à retomada da filosofia e não de algum tema da teologia; segundo, tratar-se de retorno à filosofia tomista e não a outra. *Mas por que certa resistência à filosofia tomista?* Muitas razões podem ser aventadas. Consideremos algumas: primeiro, há muito o pensamento tomista havia sido suplantado ou substituído pelas correntes modernas de pensamento; segundo, havia a suspeita de o Aquinate não ter verdadeiramente tratado da filosofia; terceiro, o Tomismo, até então, restringia-se às Escolas dos Dominicanos ou de algumas outras instituições religiosas⁴³. Um dado importante é que a secularização da filosofia, desde o século XVI, aumentara significativamente o número de filósofos independentes e, especialmente,

⁴¹ KENNEDY, L.A. *A Catalogue of Thomists, 1270-1900*. Houston: Center for Thomistic Studies, 1987, p. 14.

⁴² É conhecida a oposição dos jesuítas da Gregoriana a este projeto: MCCOOL, G.A. *From Unity to Pluralism. The Internal Evolution of Thomism*. New York: Furdham University Press, 2002, p. 13.

⁴³ PESCH, O.H. *Tomás de Aquino: limite y grandeza de una teología medieval*. Versión castellana de Xavier Moll y Claudio Gancho. Barcelona: Herder, 1992, p. 37-39.

opositores do Tomismo. Além do mais, os temas da epistemologia e gnosiologia estavam em alta por causa da influência cartesio-kantiana.

O texto da Encíclica parecia fazer apelo justamente ao tema gnosiológico⁴⁴, o que supostamente confluía o interesse dos filósofos cristãos, mas não religiosos e, inclusive, dos não cristãos, de procurarem tratar do tema. Não é certo que a proposta restringira-se à gnosiologia, mas o fato é que neste período os trabalhos sobre este tema foram em grande número. Muitos dos quais em desacordo não só com o Tomismo, mas, sobretudo, com a doutrina da Igreja⁴⁵. Por isso, justifica-se já nos anos seguintes a organização de um congresso – *I Congressus Thomistici Internationalis* realizado entre 15 e 20 de abril de 1925 – que analisasse justamente o tema do conhecimento⁴⁶.

Por que no segundo período, compreendido entre 1920 e 1940, houve quase um emparelhamento entre a produção bibliográfica filosófica e a teológica? À parte da querela que as equivocadas interpretações acerca da gnosiologia tomista causaram (e que levariam à organização do II Congressus Thomistici Internationalis, celebrado entre 23 e 28 de novembro de 1936), a razão, talvez, principal deste emparelhamento é a não assimilação da verdadeira proposta da Encíclica, que via na retomada dos estudos filosóficos, especialmente na metafísica, como aos poucos se irá delineando, o epicentro das especulações filosóficas tomistas.

Oportunamente o ilustre metafísico Ángel Luis González salientou para o significativo incremento dos estudos metafísicos no século passado⁴⁷. *Mas por que a metafísica?* A metafísica é o cume da investigação filosófica tomista e é a serva por excelência da teologia. Ir à teologia de Tomás supõe beber de sua metafísica. Podemos acrescentar outros motivos que, em minha opinião, podem ter sido os responsáveis pelo aumento significativo de estudos interpretativos da metafísica tomista: a difícil interpretação dos giros

⁴⁴ KERR, F. *After Aquinas. Versions of Thomism*. Oxford: Blackwell Publishing, 2002, pp. 17-34.

⁴⁵ Destaca-se a interpretação da gnosiologia tomista proposta por Russelot que recebeu diversas críticas, especialmente, a de Gardeil. Sobre a doutrina de Russelot ver: RUSSELOT, P. *L'intellectualisme de St. Thomas*. Paris: Alcan, 1908; IDEM, "Métaphysique thomiste et critique de la connaissance", *Revue Neo-Scholastique*, (1910), pp. 476-509. A crítica de Gardeil ver: GARDEIL, A. "Faculté du divin ou faculté de l'être. Observations sur une note de l'article de M. Russelot: Métaphysique thomiste et critique de la connaissance", *Revue Neo-Scholastique*, (1911), pp. 90-100.

⁴⁶ Sobre a história da Academia Romana e seus congressos: LOBATO, A. "The Pontifical Academy of St. Thomas Aquinas", in: *Thomism Today*. Ed. By E. Alarcón. Anuario Filosófico XXXIX/2. Pamplona: Universidad de Navarra, pp. 309-327.

⁴⁷ GONZÁLEZ, A.L. "Thomistic Metaphysic: contemporary interpretations", in: *Thomism Today*. Ed. E. Alarcón. Pamplona: *Anuario Filosófico*, 39/2 (2006), 401-437.

lingüísticos tomistas e a falta de uma ferramenta eficaz que pudesse dar conta de dispor ao pesquisador da metafísica tomista condições de uma adequada hermenêutica.

A dificuldade léxica e o não estabelecimento das fronteiras filosóficas e teológicas, por vezes, promoviam o entrelaçamento de alguns temas em ambos os campos. O tema dos anjos, por exemplo, poderia ser abordado tanto pela filosofia quanto pela teologia tomista. Outro elemento importante foi o aumento de produção bibliográfica sobre a *Teologia Natural*, muitas vezes, incluídos entre as doutrinas teológicas.

Foi justamente neste período que a produção filosófica começou a traçar fronteiras mais ou menos claras entre o que é próprio da especulação filosófica e o que é da consideração teológica. O marco desta fronteira deu-se com o crescimento dos estudos filosóficos voltados para a *Metafísica* Tomista. Já a partir destes anos dar-se-ia a intensa qualificação de estudos filosóficos voltados para a noção de *ser* no Tomismo. Neste período de reconhecimento de campo, muitas pesquisas teológicas foram consideradas como metafísicas e muitas metafísicas, como teológicas. Mas já no final dos anos de 1940 e início dos anos de 1950 já estava bem definida a proposta da Encíclica, encontrando na metafísica, na questão da noção de ser e na das provas da existência de Deus, seu ponto de partida e, na Teologia Natural, sua verdadeira linha de chegada.

Por que o número de bibliografia filosófica entre 1940 e 1978 é maior do que a de teologia? Este período deve ser analisado de modo especial. Equivocar-nos-íamos se respondêssemos imediatamente que há maior número de publicações porque se trata de um período mais extenso do que os anteriores. É bem verdade que o período é maior, mas há que se considerar que durante este período, de aproximadamente 38 anos, houve sucessivas interrupções de produção bibliográfica. Por quê? Se, por um lado, a produção bibliográfica filosófica no final de 1920 crescia e marcava seu rumo independente das questões teológicas até os anos de 1930, com a identificação cada vez mais clara da importância dos estudos metafísicos, por outro lado, esta ascensão seria interrompida por um fator extrínseco, o início da *II Guerra Mundial* em 1939, que consistiu verdadeiramente num obstáculo objetivo para a continuação do seu crescimento. Muitos trabalhos filosóficos iniciados nesta época só puderam ser terminados depois da guerra⁴⁸.

⁴⁸ A título de exemplo – muitos outros poderiam ser aludidos – tomamos o que nos informa Geiger, no prefácio de sua famosa obra sobre a participação, sobre a sucessiva interrupção do seu trabalho durante a Guerra: GEIGER, L.-B. *La participation dans la philosophie de S. Thomas d'Aquin*. Deuxième édition. Paris: Vrin, 1953, p. 8.

Uma vez terminada a *II Guerra*, em 1945, o crescimento só tomou seu rumo novamente a partir de 1949-1950. Neste período os estudos filosóficos, sobretudo os metafísicos, cresceram em grande proporção, se comparados com os teológicos. Os repertórios que dão conta de compilar as produções deste período revelam-nos o crescimento de estudos nas seguintes áreas filosóficas: a metafísica tomista considerada em si mesma, a metafísica considerada em relação ao pensamento moderno que se opõe à fé e à filosofia cristã e, crescendo paralelamente, os estudos sobre a ética e a moral tomista, bem como a antropologia.

Maior destaque se dá, naquela época, aos estudos metafísicos e às suas relações com o pensamento moderno e dentro destes, à teologia natural tomista, no que tange às provas da existência de Deus. Por isso se deu imediatamente a ocasião para a organização do *III Congressus Thomistici Internationalis*, realizado entre 11 e 17 de setembro de 1950 (à luz da recém publicada Encíclica *Humani generis* de 12 de agosto de 1950 do Papa Pio XII) e do *IV Congressus Thomistici Internationalis*, celebrado entre 13 e 17 de setembro de 1955, que dedicou sua realização à comparação dos estudos metafísicos tomistas com o pensamento moderno.

No início dos anos de 1960, coincidia com a convocação para o *II Concílio Vaticano*, a realização do *V Congressus Thomistici Internationalis*, dedicado, agora, ao tema da ética e da moral. Até o ano de 1965-1966 continuou crescendo o número de produções bibliográficas relativas à filosofia, mesmo porque em setembro 1965 era realizado o *VI Congressus Thomistici Internationalis*, também dedicado ao tema de Deus e da filosofia contemporânea. Contudo, quase imediatamente depois do *Concílio* houve uma ligeira retroação nas publicações⁴⁹, embora isso em nada influísse para que o número de publicações sobre a teologia chega-se perto do número de estudos sobre a filosofia.

Qual o motivo? Como já aludíamos mais acima, isso se deveu às más interpretações dos documentos do *Concílio*, que supunham abandonar a tradição, o que incluía o pensamento de São Tomás. Mas, na verdade, os documentos conciliares propunham ‘fazer surgir novas coisas das antigas’: *vetera novis augere*, bem no espírito da *Aeterni Patris* de Leão XIII. E longe de abdicar do Tomismo o Concílio exortava seguir as pegadas do Aquinate em matéria de filosofia e teologia. Este equívoco fez com que houvesse uma significativa diminuição da produção bibliográfica relativa à filosofia tomista nos cinco primeiros anos pós-concílio, estendendo-se até 1969, retomada

⁴⁹ Atesta-nos Spiazzi certo período de revolta contra o tomismo após o Concílio. SPIAZZI, R. *San Tommaso dopo il Concilio*. Roma: Città Nuova Editrice, 1966, p. 16 Isso se refletiria claramente na produção bibliográfica deste período.

somente a partir de 1970 com a realização do *VII Congressus Thomistici Internationalis*, que se dedicou à antropologia filosófica tomista e ao tema do homem na atualidade.

Ainda dentro deste riquíssimo período realizou-se no ano de 1974 a celebração do *Sétimo Centenário da morte de São Tomás de Aquino*, com a publicação de diversas atas em diversas instituições. De 1974 a 1978 houve um aumento significativo de publicações sobre a filosofia tomista. Mas, nada se compararia ao que constataríamos no quarto período que compreendia a compilação bibliográfica entre 1977 e 1990. Entre estes anos Richard Ingardia compilou em seu repertório bibliográfico somente as referências filosóficas, perfazendo o total de 4224 títulos. Este considerável crescimento se deveu obviamente às sucessivas reuniões e congressos sobre Tomás de Aquino que foram realizadas nos anos de 1970 e 1980, culminando no final da década de 80 com este considerável número de estudos sobre a filosofia tomista. É evidente que houve publicações sobre teologia. Certamente não equipara o seu número com estes da produção filosófica. Note-se especialmente que três campos ocuparam o interesse destas publicações: *metafísica*, *antropologia* e *ética*. O último congresso internacional (ano de 2003) muito oportunamente dedicou o tema central ao *humanismo cristão*, pois nele se concentra e se articula adequadamente aquelas três grandes linhas do pensamento filosófico tomista.

§4. Conclusão.

A produção bibliográfica tomista revela-nos que no século passado o estudo da filosofia tomista foi motivado, sobretudo, pela invocação de Leão XIII na encíclica *Aeterni Patris*. Durante e imediatamente depois do *Concílio Vaticano II* houve um ligeiro declínio. Recobrou sua ascensão já em meados dos anos 70, culminando com a festividade do *Sétimo Centenário da morte de São Tomás de Aquino*. Estes fatos nos ajudam a entender os números que os dados estatísticos nos revelam: *os estudos filosóficos ultrapassam os teológicos*. E estes dados estatísticos, por sua vez, nos ajudam a identificar e a compreender em que área da filosofia se concentrou os estudos filosóficos: a *metafísica*.

Uma hipótese para o incremento dos estudos metafísicos pode ser a divergência de interpretações acerca de alguns temas, como o de *esse*. É notório o conflito hermenêutico entre as diferentes correntes tomistas. Muito provavelmente, um aprofundado estudo lexicográfico dos termos metafísicos teria colaborado para apurar e perfilar as diferenças e os conflitos hermenêuticos. Se por um lado a análise bibliográfica serve de importante instrumento para diagnosticar ao longo de um período o perfil da produção bibliográfica tomista, na medida em que identifica a área mais estudada e



conflituosa, por outro lado, a análise lexicográfica serve de importante instrumento terapêutico, na medida em que fornece o padrão do uso semasiológico de determinados léxicos, do vocabulário tomista. As análises bibliográficas e lexicográficas constituem importantes instrumentos de pesquisa do Tomismo para o novo milênio.